



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA ESPANHOLA**

**MONIQUE FERREIRA BARBOSA DE FREITAS**

**CLIMA COMO FATOR DE MELANCOLIA  
EM *NADA* (1944),  
DE CARMEN LAFORET**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

**MONIQUE FERREIRA BARBOSA DE FREITAS**

**CLIMA COMO FATOR DE MELANCOLIA  
EM *NADA* (1944),  
DE CARMEN LAFORET**

Artigo elaborado pela discente: Monique Ferreira Barbosa de Freitas, como requisito avaliativo de obtenção de título de graduação em licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba/Campus I.

Orientador(a): Dr<sup>a</sup>. Cristina Bongestab

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F862c Monique Ferreira Barbosa de Freitas  
Clima como fator de melancolia em Nada (1944), de Carmen Laforet. [manuscrito] / Monique Ferreira Barbosa de Freitas. - 2017.  
28 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.  
"Orientação: Profa. Dra. Cristina Bongestab, Departamento de letras".

1. Análise do discurso. 2. Melancolia. 3. Pós-guerra civil espanhola I. Título.

21. ed. CDD 401.41

INGRIDT MILLENNA VIEIRA DANTAS MIRANDA

DA CANA-DE-AÇÚCAR AO TURISMO: UMA RECONVERSÃO  
PRODUTIVA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO  
DE AREIA - PB

**Área de concentração:** Desenvolvimento Regional

**Subárea:** Turismo, Cultura e Desenvolvimento Regional

**Orientador:** Prof. Dr. José Luciano Albino Barbosa

BANCA EXAMINADORA



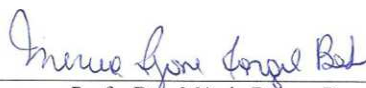
---

Prof. Dr. José Luciano Albino Barbosa  
Orientador – UEPB



---

Prof. Dr. Luis Henrique Hermínio Cunha  
Examinador Interno – UEPB



---

Profa. Dra. Mércia Rejane Rangel Batista  
Examinadora Externa – UFCG

CAMPINA GRANDE-PB  
2017



Dedico a Deus, por ter me dado forças para conquistar mais uma vitória. Sem ele, minha linha de chegada seria simplesmente utopia.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Jesus Cristo, por não ter me deixado fracassar quando tudo parecia impossível.

Ao corpo docente dessa instituição, em especial, à minha orientadora Cristina Bongestab, que me deu todo o apoio necessário durante esses meses com palavras motivadoras e suas devidas correções.

Ao meu pai, José Rivaldo, pelo amor; à minha mãe, Rosemare Ferreira, pelo apoio; ao meu marido, Ismael Ferreira, pela compreensão; às minhas irmãs Sabrina e Gabriela, pelo incentivo e à minha filha, Marjorye Barbosa, por ter me feito um ser humano ainda melhor.

Por fim, a todos que, de modo implícito ou explícito, contribuíram para a minha formação, a minha eterna gratidão.

“[...] la lluvia que caía ya regularmente, pudo más que mi voz” (LAFORET, 1944, p.99).

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 PÓS-GUERRA CIVIL ESPANHOLA .....	08
1.1 O PERÍODO DO FRANQUISMO.....	09
1.2 O DECLÍNIO DA LITERATURA PÓS-GUERRA CIVIL ESCRITA NO DECORRER DOS ANOS 40.....	11
1.3 CARMEN LAFORET E O ROMANCE PÓS - GUERRA CIVIL ESPANHOLA...13	
2 MELANCOLIA.....	16
2.1 CLIMA E MELANCOLIA.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

# CLIMA COMO FATOR DE MELANCOLIA EM *NADA* (1944), DE CARMEN LAFORET

Monique Ferreira Barbosa de Freitas

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar o período da pós-guerra civil espanhola através da análise da narrativa do romance *Nada* (1944), da escritora Carmen Laforet e do filme *Nada* do cineasta Edgar Neville que foi todo baseado no romance da escritora. Nosso foco é verificar de que forma a chuva aparece como fator intensificador da melancolia da personagem principal, Andrea. Por meio da narração da vida da protagonista, Laforet relata o ambiente tenebroso que o país enfrentava: a crise hídrica, a miséria, a fome, a falta de moradia e de estabelecimentos comerciais que marcaram este período. Temos como referencial teórico Abrão (2010), Souza (2007), Mokec (2005), Montero (2001), Silva (2005), e Bongestab (2011).

**Palavras-chave:** Chuva; Melancolia; Pós-guerra civil espanhola.

## INTRODUÇÃO

O contexto histórico abordado em *Nada* (1944), de Carmen Laforet remete ao período imediatamente posterior à guerra civil espanhola (1936-1939). Com o fim da guerra, iniciou-se, na Espanha, um período de ditadura que durou até 1975. Neste período, o povo espanhol sofreu por conta da crise hídrica que assolou a Espanha, devido às rigorosas secas que ocorreram na época retratada. Apesar de a Espanha ter passado por este período de seca, percebemos que a chuva é uma constante nesta obra. Também verificamos que a chuva sempre está presente na narrativa associada à melancolia, assim, pretendemos investigar de que maneira a autora se utiliza da chuva como fenômeno intensificador da melancolia vivida pela personagem Andrea.

Dividimos nosso trabalho em duas partes. Na primeira, falaremos sobre o período pós-guerra civil espanhola, franquismo, declínio da literatura pós-guerra civil na Espanha e Carmen Laforet e o romance pós - guerra civil espanhola. Para estas partes, nos basearemos em Abrão (2010), Souza (2007), Mokec (2005) e Montero (2001). Na

segunda parte, abordaremos algumas definições sobre melancolia e complementaremos nossa análise sobre o clima como fator de melancolia no romance de Laforet. Para isso, tomaremos como base Silva (2005) e Bongestab (2011) e para comprovarmos nossa hipótese sobre a chuva como elemento desencadeador da melancolia da protagonista Andrea, mostraremos citações da obra em que melancolia e chuva aparecem associadas. Em algumas citações, complementaremos com fotos de cenas do filme adaptado da obra *Nada*.

## 1 PÓS-GUERRA CIVIL ESPANHOLA

A Guerra Civil Espanhola iniciou-se por volta de 1936, quando houve o retrocesso da democracia, quando os militares, através de um golpe, conseguiram derrubar o governo do presidente Niceto Alcalá-Zamora, que foi eleito pelo povo através de eleições diretas. Esse conflito armado, que se estendeu até o ano de 1939, acarretou várias consequências negativas para a Espanha, tais quais: uma severa crise econômica que se alastrou por todo o país devido à destruição de muitos imóveis e de estabelecimentos públicos e privados. Esse acontecimento fez com que cerca de mais de 400 mil mortos marcassem um triste episódio na história da Espanha, o que gerou a destruição de muitas famílias espanholas:

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foi resultado de divergências políticas e ideológicas que dividiam a sociedade em relação às reformas sociais e econômicas propostas e algumas efetivadas ao longo da Segunda República (1931-1936); separou famílias e criou animosidades em nome de uma sangrenta batalha que durou três anos, e que teve repercussões internacionais (ABRÃO, 2010, p. 66).

O país se encontrava destruído e fragmentado por duas lideranças partidárias, ou seja, os nacionalistas que defendiam o conservadorismo, que saíram vitoriosos ao final de diversos combates voltando a ter ideais monárquicos, e os republicanos que queriam que a tão difícil conquistada democracia se mantivesse. Para Souza (2007), o país se encontrava sob escombros, em uma situação de penúria econômica e de depressão social.

O ano de 1939, marcado pelo fim da guerra civil e o sentimento de tristeza, só aumenta. Esse sentimento melancólico aumentava, pois a Espanha passava por uma

terrível crise hídrica e econômica à qual acarretou a falta de alimentos. Muitas pessoas também perderam suas moradias e seus familiares. A censura, após o regime franquista, estava presente para reprimir quem fosse contra o governo. Não ter onde morar, o que comer, seu ente querido vivo e ainda não ter direito à liberdade de expressão foram alguns dos fatores que levaram a população à melancolia durante essa fase da história espanhola.

## 1.1 O PERÍODO DO FRANQUISMO

Simultaneamente à segunda guerra mundial, que assolava a maioria das nações, surge o período do franquismo, em 1939 na Espanha, que tinha como líder o ditador Francisco Franco. De acordo com Comellas, citado por Souza (2007, p. 05) “os primeiros anos do governo franco foram tempos difíceis, tempos de perseguição das liberdades políticas, com a formação de um forte esquema repressivo.”

Franco tinha o apoio da maioria das instituições, sendo a Igreja Católica a principal delas, pois foi a responsável por “alienar” as pessoas e em troca recebeu, no decorrer de seu governo, vários privilégios, sendo um deles, ter sido declarada como a religião oficial imposta à sociedade pelo Estado. Assim, parte da igreja católica assumiu, nesses primeiros anos, um importante papel no apoio ao autoritarismo de Franco (SOUZA, 2007). O elo presente entre a igreja e o governo de Franco era tanto que ele ganhou da igreja o direito de influenciar na escolha de seus líderes religiosos. A parte da alta burguesia Espanhola como os grandes latifundiários e os proprietários de indústrias, juntamente com o exército, apoiavam o governo de Franco que fazia que muitos espanhóis ainda alienados acreditassem estar vivenciando uma democracia. Franco tinha como objetivo primordial de seu governo resgatar a “moral” dos antigos costumes espanhóis. Segundo Souza (2007, p. 06):

Nesse período do regime franquista, a sociedade espanhola se encontrava claramente dividida. O topo da pirâmide estava ocupado por uma pequena elite composta pela aristocracia tradicional e conservadora, pelos envolvidos diretamente com a cúpula do poder político e militar e pelos novos ricos que acumulavam capital por meio de atividades ilícitas. A corrupção se tornou prática comum nesse segmento social que apoiava o autoritarismo como melhor saída para a crise. O restante da sociedade estava organizado em outras duas partes: uma reduzida e resistente classe média e uma ampla classe de miseráveis.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Espanha optou por ser neutra, mantendo “amizade” com seus países vizinhos Alemanha e Itália, já que paralelamente a esse acontecimento estava muito ocupada vigiando os espanhóis que eram contra a censura. Segundo Souza (2007, p. 06): “[...] havia uma pequena minoria que se opunha ideologicamente ao regime, mas que se mantinha silenciosa ante a implacável censura que impedia qualquer manifestação contrária ao sistema.” A Espanha nessa fase se viu arruinada pois a guerra havia devastado muitas indústrias devido ao conflito armado que havia acontecido e o país teve que adotar uma economia autarquia, ou seja, produzir todo seu abastecimento dentro do seu país e sem exportação não tinha como obter lucros. Entre os anos de 1945 a 1959, surge na Espanha um grupo opositor aos ideais do governo, ocorrendo assim uma queda no regime franquista. Esses rebeldes eram a favor do regresso da democracia no país, além dos movimentos estudantis lutarem por reformas na constituição educacional daquela época o proletariado lutava por terem uma vida digna: carga horária reduzida era uma das reivindicações. A partir desses protestos, o poder absoluto sobre os espanhóis deixam de existir, a autarquia é derrubada e uma nova economia moderna é criada através dos ministros.

No transcorrer dos anos 1960 a 1973, a economia espanhola progride através dos investimentos vindos de outros países que viam na Espanha um país ideal para fazer investimentos, pois a mão de obra era barata e os sindicatos não podiam defender os trabalhadores em virtude da ditadura. No ano de 1973, o governo franquista começa a declinar até que em 1975 chega-se no último ano de ditadura. Esse declínio ocorreu em virtude da crise econômica em decorrência da segunda guerra mundial que afetava o mundo chegando na Espanha onde a situação já não era favorável em decorrência da guerra civil espanhola, fazendo assim com que grupos de rebeldes lutassem pela volta da democracia. Com a saúde abalada, a tensão política predominando e a economia arruinada, Francisco Franco falece no ano de 20 de novembro de 1975 e ocorre o fim do Franquismo. O rei, Juan Carlos I assume o governo fazendo com que a utopia da democracia se concretizasse.

## **1.2 O DECLÍNIO DA LITERATURA PÓS-GUERRA CIVIL ESCRITA NO DECORRER DOS ANOS 40**

Com o término da guerra civil e com o surgimento do governo de Franco, iniciou-se na Espanha um regime ditatorial e, a partir deste regime, foi criado um forte



esquema para que a Espanha se isolasse dos outros países. Com a ditadura, instaurou-se a censura na Espanha, o que acarretou o declínio da cultura durante os anos quarenta, afetando de modo direto seus escritores.

A crise que assolava a Espanha fez com que uma minoria de literatos criticassem o atual momento, rompendo assim com os paradigmas impostos pela literatura oficial. Essa situação fez com que muitos escritores se exilassem fora do país na situação de continuar com seus escritos, porém a censura não permitia a entrada de suas obras no país.

Existiam duas classes distintas de pessoas durante esse período, vencedores e vencidos fazendo assim com que a sociedade aparentemente homogênea existente antes da guerra fosse extinta no país. Os vencedores eram um grupo de indivíduos, composto pelos conservadores que através da sua literatura faziam publicidade do regime franquista, narrando os atos de heroísmo os quais fizeram que triunfassem sobre os vencidos. Essa literatura se imortalizou através dos diversos gêneros literários existentes no país. Já os republicanos, que defendiam a democracia, ficaram popularmente conhecidos durante essa fase por vencidos. Eles encontraram na literatura uma maneira de expor o mal momento em que estavam vivendo, tais como a pobreza, devido às guerras e à crise hídrica. Também ocorria insegurança e medo de uma possível retomada da guerra, gerando assim uma melancolia quase que generalizada.

Luís Rosales e José Garcia foram poetas de destaque durante os anos 40, ambos conservadores, davam ênfase na divulgação do governo de Franco através de seus poemas e evidenciavam, a partir de seus escritos, o catolicismo, os atos de bravura dos vencedores, expressando segurança a respeito da ditadura existente imposta ao país. Surgiram também outros tipos de poesias denominadas de “desenraizadas”, às quais tinham como seu maior poeta Dámaso Alonso. Esse poeta se utilizava da linguagem coloquial nos seus escritos para atingir um público alvo maior era a favor do retorno da democracia no país e os temas principais de seus poemas eram as consequências trazidas pela guerra, a amargura, a angústia do indivíduo e a insegurança humana. Em 1944, este escritor publica *Hijos de la ira*, que é um livro de poemas que aborda a frustração humana frente ao regime social que a população espanhola estava vivendo.

Essa obra abriu caminho para que a crítica literária estivesse presente na obra de outros escritores, mesmo que de modo implícito.

Sobre os romances durante a década de quarenta, destaca-se a obra *Nada* (1944), de Carmen Laforet, porém a ditadura franquista da época não permitiu que ela fosse lançado por completo. Esta obra foi considerada por alguns críticos como sendo o melhor romance espanhol existente no século XX. Camilo José Cela também se destacou com esse mesmo gênero literário, a partir da publicação da obra *La Familia de Pascual Duarte* (1942).

Os temas que esses dois romancistas abordavam com frequência em suas obras eram a opressão enquanto a liberdade de expressão, a crise hídrica e financeira pela qual passava a Espanha e os efeitos da guerra. O principal propósito dessas narrativas era fazer com que a população comesse a lutar por seus direitos, travando assim uma luta contra seu contexto social vivido no momento:

Nada apareció como una ráfaga de viento fresco en medio de una época de crisis intelectual y artística. La recién terminada guerra civil tuvo consecuencias devastadoras no sólo para la economía del país. Las áreas del arte y del pensamiento se vieron doblemente afectadas: tanto por las secuelas del conflicto que desembocó en un éxodo de gran parte de la élite intelectual, como por la recién instaurada dictadura (MOKEC, 2005. p.2).

Essas narrativas merecem destaque pois foram as primeiras que denunciaram a atual situação da Espanha durante esse período. Elas eram escritas, na sua grande maioria, em primeira pessoa, dando a compreender que eram autobiográficas, pois os personagens narravam a trama dos romances demonstrando estarem inseridos naquele contexto social. Tomemos como exemplo a obra *Nada* (1944), em que a protagonista Andrea narra acontecimentos da sua vida, e ao transcorrer do romance, vai narrando a miséria que a Espanha passava por conta da crise que atingia a casa de sua família em Barcelona “ Pero pasaban hambre Juan y Glória y también la abuela y hasta a veces el niño” (LAFORET,1944, p.48). E o medo de uma possível retomada da guerra “Yo me sentía oprimida como bajo un cielo pesado de tormentas, pero al parecer no era la única que sentía en la garganta el sabor a polvo que da la tensión nerviosa” (LAFORET, 1944, p.11). Toda essa narrativa é contada a partir de uma linguagem simples, porém não deixa de apresentar uma genialidade. Isso ocorria por conta da censura que proibiu a

divulgação de textos estrangeiros no país e controlava a publicação dos escritos nacionais.

Algumas obras da década de 40 então descrevem o grande abismo que os espanhóis sofreram em relação a sua cultura literária durante o regime franquista, além de narrarem as dificuldades sociais e econômicas vivenciadas pelo povo no período pós-guerra civil. Assim, evidenciamos que alguns temas literários deste período estavam relacionados à melancolia, à solidão, a frustrações, a angústias, enfim, eram obras escritas após o desfecho de uma guerra civil.

### 1.3 CARMEN LAFORET E O ROMANCE PÓS-GUERRA CIVIL ESPANHOLA: NADA (1944)

A data de 6 de setembro de 1921 é marcada com o nascimento de uma das mais importantes escritoras que Espanha já teve, Carmen Laforet, que nasce na cidade de Barcelona e passa a morar em Canarias, até alcançar a maioridade e depois regressa a sua cidade natal, com o objetivo de ter uma formação superior, sonho este que não se concretiza. Aos 21 anos, ela passa a residir em Madrid, onde conhece seu esposo, Manuel Cerezales e, desse matrimônio, nascem seus 5 filhos, na década de 70. Em 1944, escreve seu primeiro romance, *Nada*, que foi nomeado assim pois nesse período a censura não permitia que os espanhóis falassem o que pensavam sobre a situação da Espanha. Em 28 de fevereiro de 2004, em Madri, falece de Alzheimer. Em suas obras, ela abordava diversos temas, sendo os principais: suas experiências de vida, seu convívio familiar, suas frustrações, temas de sua juventude e os voltados à liberdade feminina e a vida conjugal.

De acordo com Montero (2001, p. 4):

Cuando Carmen Laforet escribió, a los 23 años su asombrosa primera novela Nada, estaba sin duda tocada por la gracia. Aunque tal vez fuera más exacto decir por la desgracia y no ya tocada, sino herida, partida, atravesada por un sufrimiento tan profundo y tan vasto que llegó a impregnar todo su universo. Nada, como sucede casi siempre con las obras escritas por autores muy jóvenes, es una novela autobiográfica, de manera que el mundo atroz que describe Andrea la protagonista y narradora, debe de estar muy cerca de la realidad vivida por Laforet, de una pesadilla marcada a sangre y lágrimas.

A obra *Nada*, narra a história de uma jovem órfã, chamada Andrea. Provavelmente, segundo alguns críticos, o que a protagonista descreve no seu livro é quase o mesmo que viveu Laforet, na sua juventude, uma profunda tristeza. A escritora, por sua vez, sempre negou, em algumas entrevistas dadas à mídia, que essa obra fosse autobiográfica. Estudos indicam, porém, que muitos pontos estudados sobre a biografia de Laforet têm semelhança com a vida de sua personagem Andrea. Aqui, destacamos que ambas (autora e personagem) foram morar com as avós para estudar Letras, em Barcelona. Na obra, a personagem Andrea conclui os estudos, já, Laforet, não.

Em *Nada*, Laforet narra a história de uma estudante que se muda para Barcelona para a residência de sua avó onde também moram seus tios maternos (Román, Juan y Angustias). Os três sempre vivem dentro de um ambiente conturbado, de agressões físicas e verbais. Imagina-se que Laforet possa ter criado personagens com este tipo de comportamento para tratar sobre a guerra civil espanhola. Román, tio da personagem Andrea, havia sido um músico muito famoso que gostava de seduzir as mulheres, deixando-as, depois. O outro personagem é Juan, ele é casado e vive com a esposa, Glória, na mesma residência que vive Andrea. Angustias, tia de Andrea, vive de mal humor e sempre tenta oprimir a protagonista. É muito provável que a intenção de Laforet, ao nomear a tia de Andrea com o nome de Angustias, tenha sido demonstrar o momento de tristeza e angústia que passava a Espanha naquele momento de pós-guerra. Em determinado momento do romance, Angustias passa a viver em um convento, deixando a casa, e, a partir deste momento Andrea começa a se sentir livre. Podemos salientar que Angustias representa, ainda metaforicamente falando, a censura daquela época, que proibia os indivíduos de fazer o que queriam. Então, a partir do momento que ela deixa de morar na mesma casa que Andrea, a protagonista se sente livre para pensar e fazer o que queria.

Andrea vai para Barcelona, com a intenção de estudar Letras na universidade e, por conviver com a família (tios e tias), acaba conhecendo a personalidade de cada membro da casa em que vivia. Ela vai morar na casa da sua avó porque tinha pouco recurso financeiro. Fazia pouco tempo que a guerra havia acabado e a pobreza, o medo e a fome na Espanha, naquele período, era imensa. Percebemos isso na obra logo nos primeiros capítulos, quando Andrea chega à casa de sua avó e os móveis da casa estão fora do lugar, um por cima do outro. É como se eles tivessem sido guardados para que a sua família pudesse se refugiar em outro local até cessar a guerra ou como se algum

membro da família tivesse amontados-os para que servissem de barricada nas portas da casa. Outras características de um romance de pós-guerra é a coleção de armas que seu tio Ramón ainda possuía e também a forma violenta como ele e seu irmão se tratavam durante toda a narrativa; é como se eles ainda estivessem na guerra, pois durante toda a obra existe entre eles uma tensão constante que somente acaba quando Ramón morre, depois de suicidar-se pulando da escada, o que não deixa de ser o fim de uma guerra, ou seja, uma pós-guerra, que é o triunfo de um sobre o outro. “[...] después de la guerra han quedado un poco mal de los nervios....Sufrieron mucho los dos [...]” (LAFORET, 1944, p.11).

A obra, que está dividida em três partes, inicialmente, descreve a chegada de Andrea a Barcelona. Observamos que, já na sua chegada, sente-se sozinha por não ter nenhum familiar para lhe recepcionar na estação de trem. “Por dificultades en el último momento para adquirir billetes, llegué a Barcelona a medianoche, en el tren distinto del que había anunciado y no me esperaba nadie”(LAFORET, 1944, p.6). Nessa primeira parte também são abordados os efeitos deixados pela guerra e as primeiras impressões que Andrea tem da sua família ao chegar na casa de sua avó: “ Un fondo oscuro de muebles colocados unos sobre otros como en las mudanzas” (LAFORET, 1944, p.07). “En toda aquella escena había algo angustioso, y en el piso un calor sofocante como si el aire estuviera estacado y podrido” (LAFORET, 1944, p.07). Esta parte narra ainda a opressão que a protagonista sofre nesse primeiro momento, por parte de sua tia Angustias, que irá exigir que Andrea siga valores até então desconhecidos por ela: “Volvió tía Angustias autoritaria” (LAFORET, 1994, p.08). Essa opressão ocorre até o dia em que Angustias vai embora para o convento, deixando, assim, Andrea livre. “ Por primera vez me sentía suelta y libre” (LAFORET, 1944, p.43). Na parte intermediária da narrativa, percebemos que Andrea conquista sua autonomia, pois, vai para a universidade, sai para se divertir com seus amigos, demonstrando assim ser um indivíduo que se adapta rapidamente ao ambiente, apesar de, vez por outra, demonstrar uma profunda tristeza o que desencadeia a sua melancolia. Por fim, a terceira parte é a parte mais trágica da novela, pois narra o suicídio de Róman, o tio de Andrea, e a partida de Ena, a melhor amiga da protagonista, desde que ela chegou a Barcelona. E, no desfecho da história, a protagonista afirma não levar *Nada* para sua vida daqueles conturbados meses que passou em Barcelona, na casa da sua família.

Bajé las escaleras, despacio. Sentía una viva emoción. Recordaba la terrible esperanza, el anhelo de vida con que las había subido por primera vez. Me marchaba ahora sin haber conocido nada de lo que confusamente esperaba: la vida em su plenitude, la alegría, el interés profundo, el amor. De la casa de la calle de Aribau no me llevaba nada. Al menos, así creía yo entonces (LAFORET, 1944, p.112).

## 2 MELANCOLIA

Nesta seção do nosso trabalho, faremos um breve resumo sobre algumas características da melancolia, já que tratamos da melancolia sofrida pela personagem principal do romance. Tomaremos como base os estudos de Silva (2005) para que possamos introduzir o tema e vinculá-lo à obra tratada.

De acordo com Premat (2002), citado por Silva (2005), O conceito de melancolia permite integrar uma perspectiva psicanalítica na análise literária sem excluir considerações filosóficas, históricas e ideológicas:

Efetivamente, o termo melancolia denomina ao mesmo tempo, um dos quatro temperamentos das teorias fisiológicas da antigüidade greco-latina (hipócrates, Aristóteles); a acedia medieval, uma posição intelectual do artista no Renascimento (Montaigne, Dürer); uma visão do mundo em certos sistemas filosóficos do século XIX (Schopenhauer, Kierkegaard); um efeito da modernidade e o sintoma essencial do *mal do século* (o *spleen* de Baudelaire), e, somente em última instância (no sentido cronológico), uma estrutura da personalidade e um conjunto de manifestações patológicas estudadas por Freud (SILVA, 2005, p. 32).

Segundo Silva (2005), são estas as características da melancolia: primeiro, ocorre um “estado de ânimo” que supõe ensinamento, tristeza, queixa sem razão aparente, obsessões dolorosas diante da passagem do tempo e a iminência da morte, presença inibidora da memória e do passado e falta de energia vital (SILVA, 2005).

Conhecida desde a Antiguidade clássica, a melancolia atravessou séculos e ainda hoje se encontra presente tanto na medicina, como na filosofia e também nas artes. Associada à tristeza, à morte, ao suicídio, a melancolia sempre despertou o interesse de estudiosos ao longo do tempo. Poesia, mitologia, obras de arte, estudos científicos abordam esse sofrimento do ser humano:



*A Treatise of Melancholie* (1586), do médico Timothy Bright; o tratado de Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1567), que estuda as “doenças que privam o homem da razão” e o estudo sobre “as doenças melancólicas” (1599), de André du Lauren. A melancolia serviu de tema tanto para obras de ficção como *El Melancólico*, de Tirso de Molina, bem como serviu de inspiração para muitos pintores e gravadores. Moacyr Scliar cita aqui a gravura *Melancholia I* (1514), de Albrecht Dürer, gravura em que a melancolia está representada como uma mulher de asas, sentada na clássica posição dos melancólicos, com o rosto apoiado em uma das mãos, e ao seu lado, um cão adormecido (o sono, irmão da morte, é um conhecido acompanhante da melancolia e da depressão). Já na figura de Hans Sebald Beham (1539), encontra-se uma figura parecida com a de Albrecht Dürer, porém nesta a melancolia está adormecida: é “sono culpado”, que aparece em muitas gravuras de artistas do Norte europeu. Segundo Scliar, os artistas estavam apenas correspondendo ao espírito da época. A melancolia ficou conhecida como *English malady* (doença inglesa), e em Londres havia um grupo social conhecido como *The malcontente* (SILVA, 2005, p. 36).

Silva (2005) afirma que a depressão, doença comum da contemporaneidade, seria um desdobramento da melancolia, que vem se cristalizando na cultura desde a Antiguidade. Assegura Silva (2005) que antigos problemas e angústias que ficaram guardados na memória da melancolia ao longo dos séculos da história do Ocidente seguem atormentando o indivíduo contemporâneo. A autora também lembra que devemos levar em consideração que a melancolia não é um conceito estático; ela vem sendo re-significada desde a Antiguidade, ou seja, a melancolia vista hoje como depressão, atravessou os séculos, ultrapassando os limites da medicina, disseminando-se na cultura do ocidente e infiltrando-se na política, na religião e nas artes (SILVA, 2005).

Para finalizarmos esta parte, mencionamos a melancolia associada ao clima, já que decidimos estudar a chuva como elemento intensificador da melancolia da personagem principal de *Nada* (1944). Para isso, nos baseamos em Bongestab (2011), que menciona o autor Bartra (2004), que no livro *El duelo de los ángeles: locura sublime, tédio y melancolía en el pensamiento moderno* cita Benjamin, autor melancólico<sup>1</sup>, que considerava o clima motivo de tédio e de melancolia. Bartra (2004) sugere a associação entre Benjamin e Giorgio Chirico<sup>2</sup>, pois além de ser melancólico e contemporâneo de Benjamin, Chirico também considerava o clima como fator de

---

<sup>1</sup> Segundo Bartra (2004), O próprio Walter Benjamin acreditava que havia vindo ao mundo sob o signo de Saturno, planeta associado à melancolia. Muitos autores que escreveram sobre Benjamin consideram o autor marcado por um caráter saturnino.

<sup>2</sup> Pintor italiano que por volta de 1909 começou a pintar seus famosos cenários arquitetônicos, solitários, irreais e enigmáticos, em que colocava objetos heterogêneos para revelar um mundo onírico e subconsciente, perpassado de inquietações metafísicas.

melancolia e tédio. O pintor melancólico explica a influência de Nietzsche em sua pintura:

[...] cuenta que en Florencia, hacia 1910, pintaba poco y leía mucho, ‘sobretudo leía libros de filosofía y fui presa de severas crisis de oscura melancolía... mi periodo Boecklin había pasado y había comenzado a pintar temas en los que trataba de expresar ese sentimiento misterioso y potente que había descubierto en los libros de Nietzsche: la melancolía de los bellos días de *otoño*, las tardes en las ciudades italianas. Era el preludio de las *plazas de Italia* que pinté poco después en París, y más adelante en Milán, Florencia y Roma (BARTRA, 2004, apud, BONGESTAB, 2011, p. 80).

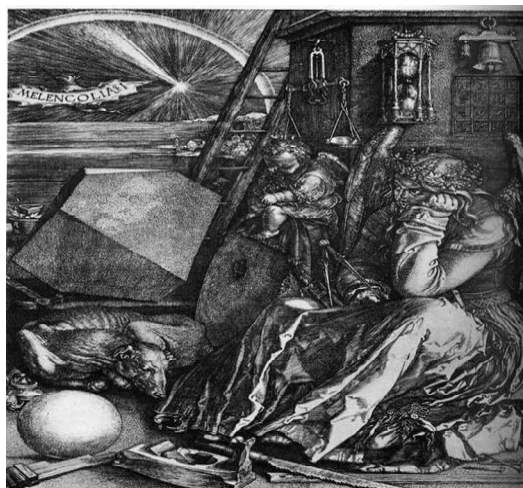
Partindo das características que apresentamos sobre melancolia e tomando o autor Bartra (2004), citado por Bongestab (2011) como referência, pretendemos investigar, na próxima seção, o clima, ou seja, a chuva como elemento intensificador da melancolia da personagem Andrea, na obra *Nada* (1944).

## 2.1 CLIMA E MELANCOLIA

A guerra civil espanhola, como sabemos, deixou muitas sequelas. O período pós-guerra civil, retratado em *Nada* (1944), apresenta um personagem melancólico, que pensamos, pode, de certa maneira, representar esse sentimento que assolou a população da Espanha após passar pelos horrores da guerra civil. Destacaremos a melancolia da protagonista dando relevância ao clima, principalmente à chuva, como elemento que intensifica este estado da personagem.

Apesar de estarmos analisando apenas o romance (1944), utilizaremos alguns elementos do filme (1947) para complementarmos nosso estudo sobre a melancolia desta obra de Laforet. Começamos nossa análise pela capa do filme. Nela, percebemos Andrea como uma figura triste, com olhar para o *nada*, muito próprio de pessoas melancólicas. Aqui nos arriscamos a associá-la à gravura, *Melencolia I*, de 1514, do alemão Albrecht Dürer, que está representada por uma mulher sentada imóvel na posição tradicional dos melancólicos, com o rosto apoiado em uma das mãos e com o olhar para o vazio. Abaixo, mostramos as duas figuras: Andrea (personagem de *Nada*) e o *Anjo da Melancolia* (gravura de Dürer):



Andrea (*Nada*)

Anjo da Melancholia (gravura de Dürer)

Embora as figuras não sejam idênticas, as semelhanças relativas ao olhar para o *nada* nos levam a acreditar nas características melancólicas apresentadas na obra de Laforet.

Do filme, também capturamos a imagem da primeira cena, que é a que mostra Andrea chegando à casa da avó. Nesta cena temos dois elementos marcantes, o primeiro é a presença da chuva, que como vamos ver em outras passagens é um fator determinante para a melancolia de Andrea. O outro é o ambiente que Andrea encontrará na casa da avó, tanto físico como o mal-estar entre as pessoas que vivem lá, o que a deixa pensativa e triste. A seguir mostraremos a foto capturada do filme.

Cena capturada do filme *Nada* (1947)

Em princípio, a personagem se sentia feliz e livre por viajar sozinha à noite: “Era la primera vez que viajaba sola, pero no estaba asustada; por el contrario, me parecía una aventura agradable y excitante aquella profunda libertad en la noche”. (LAFORET,1944, p.6). Porém, este sentimento muda ao chegar à casa da sua avó. Depois de falar com os parentes, Andrea começa a refletir sobre o lugar em que se

encontrava e sobre os parentes que mal conhecia. Percebia-se, nessas reflexões, um certo medo e angústia:

[...]la sombra de los muebles que la luz de la vela hinchaba llenando de palpitations y profunda vida. El hedor que se advertía en toda la casa llegó en una ráfaga más fuerte. Era un olor a porquería de gato. Sentí que me ahogaba y trepé en peligroso alpinismo sobre el respaldo de un sillón para abrir una puerta que aparecía entre cortinas de terciopelo y polvo. Pude lograr mi intento en la medida que los muebles lo permitían y vi que comunicaba con una de esas galerías abiertas que dan tanta luz a las casas barcelonesas. Tres estrellas temblaban en la suave negrura de arriba y al verlas tuve unas ganas súbitas de llorar, como si viera amigos antiguos, bruscamente recobrados. Aquel iluminado palpar de las estrellas me trajo en un tropel toda mi ilusión a través de Barcelona, hasta el momento de entrar en este ambiente de gentes y de muebles endiablados. Tenía miedo de meterme en aquella cama parecida a un ataúd. Creo que estuve temblando de indefinibles terrores cuando apagué la vela (LAFORET, 1944, p.9).

A figura que segue é a cena em que mostra o quarto da protagonista:



Cena capturada do filme *Nada* (1947)

As sensações que Andrea sente, logo ao chegar são negativas: o ambiente não é agradável, é inóspito: móveis amontoados, cheiro de fezes de gatos, a escuridão da noite e a cama parecida com um ataúde se configuram como elementos que fazem Andrea ficar triste e reflexiva. Pensa em como conseguiu dormir naquela noite e reflete sobre os objetos do quarto: “No sé cómo pude llegar a dormir aquella noche. En la habitación que me habían destinado se veía un gran piano [...].Un escritorio chino, cuadros, muebles abigarrados. Parecía la buhardilla de un palacio abandonado[...].” (LAFORET, 1944, p. 8). Percebemos, então que a obra possui um ambiente que conduz à melancolia.

Destacamos também que a capa do romance nos remete à associação entre clima e melancolia:



Foto copiada do romance *Nada* (1944)

Nela, observamos uma mulher, que pensamos representar Andrea, em um ambiente frio, cabisbaixa. Baseados em Bartra (2004), citado por Bongestab (2011), associamos o clima frio e úmido à melancolia. E, no transcorrer da obra, é notório que o clima, principalmente a chuva, é um fator que intensifica a tristeza vivida por Andrea, com ressalva de alguns pequenos momentos em que ela intensificará outros sentimentos na vida da protagonista, porém o sentimento que continua predominando é o melancólico. Destacamos que a chuva vista como elemento de tristeza se configuraria como uma contradição para a época, pois como alguns críticos afirmam, essa obra é autobiográfica e a chuva deveria ser um fator desencadeador de alegria, já que no período retratado a Espanha passava por uma crise hídrica. Verificamos, porém, que o sentimento de melancolia que a chuva causa em Andrea é evidente no decorrer da trama. Podemos comprovar essa afirmação logo, nos capítulos iniciais de Nada:

El tempo era húmedo y aquella mañana tenía olor a nubes y a neumáticos mojados....Las hojas lacias y amarillentas caían en una lenta lluvia desde los árboles. Una mañana de otoño en la ciudad, como yo había soñado durante años que sería en la ciudad el otoño: bello, con la naturaleza enredada en las ozoteas de las casas y en los troles de los tranvías; y sin embargo, me envolvía la tristeza (LAFORET,1944, p.17).

Nesta citação, percebemos que a personagem, antes de se mudar para Barcelona, sonhava que a cidade onde viveria teria um lindo outono, mas isso se desconstrói com a presença da chuva que a deixa melancólica.

Seguimos nossa análise, demonstrando o aparecimento da chuva como elemento de intensificação da melancolia da protagonista, como por exemplo no capítulo quatro, em um passagem do romance em que chove muito e Andrea se sente desmotivada e sem vontade de fazer nada e escuta, da avó, um tema muito recorrente sobre histórias da guerra civil:

[...]Escuchaba el ruido de la lluvia. Los hilos del agua iban limpiando con su fuerza el polvo de los cristales del balcón. Primero habían formado una capa pegajosa de cieno, ahora las gotas resbalaban libremente por la superficie brillante y gris. No tenía ganas de moverme ni de hacer nada, y por primera vez eché de menos uno de aquellos cigarrillos de Román. La abuelita vino a hacerme compañía. Vi que trataba de coser con sus torpes y temblonas manos un trajecito del niño. Gloria llegó un rato después y empezó a charlar, con las manos cruzadas bajo la nuca. La abuelita hablaba también, como siempre, de los mismos temas. Eran hechos recientes, de la pasada guerra, y antiguos, de muchos años atrás, cuando sus hijos eran niños. En mi cabeza, un poco dolorida, se mezclaban las dos voces en una cantinela con fondo de lluvia y me adormecían (LAFORET,1944, p.17).

Nesta passagem, identificamos uma associação da tristeza gerada pela guerra civil espanhola com a tristeza gerada pela chuva, o que desencadeia, mais uma vez, a melancolia de Andrea.

Na citação que segue, a personagem reflete sobre um momento de inesperada tristeza que surge justamente com chegada da chuva: “El resultado parecía ser aquella inesperada tristeza. Cuando entré en la casa empezó a llover detrás de mí [...]” (LAFORET,1944, p.17). Mais uma vez, então, fica bem claro na obra de Laforet esta associação aparecimento da chuva provocando a melancolia da protagonista.

No capítulo dez, o elo melancolia e chuva continuam interligados. Observamos que no percurso que Andrea faz da casa de sua amiga Ena se dá em um dia muito chuvoso e escuro. “ Salí de casa de Ena aturdida, con la impresión de que debía de ser muy tarde. Todos los portales estaban cerrados y el cielo se descargaba em una apretada lluvia (LAFORET,1944, p.43). Aqui, a própria imagem narrada por Andrea nos sugere um ambiente melancólico, como a escuridão, causada pela chuva. Este ambiente, acreditamos, contribui para que o percurso entre a Casa de Ena e de Ana, envolvido pela escuridão do céu e pela chuva provoquem a sua melancolia.

Já, na passagem seguinte, encontramos uma associação muito clara entre o desassossego de Andrea e o clima, ou seja, a chuva. A noite torna-se longa e triste devido à chuva e isso deixa Andrea em um estado de ânimo negativo, o que, fatalmente

a deixa melancólica: “[...] llovía. Parecía que aquella noche no iba acabarse nunca”. (LAFORET,1944, p.50). Mais uma vez podemos nos apoiar em Bartra (2004), citado por Bongestab (2011), que considerava o clima motivo de tédio e de melancolia.

No capítulo dezoito, Andrea se recorda do sentimento triste que viveu desde os primeiros momentos em que chegou na casa da avó. Aqui a melancolia está explícita e diretamente ligada ao clima chuvoso das noites de inverno vividas pela personagem na casa dos parentes, em Barcelona: “ Me acuerdo de las primeras noches otoñales y de mis primeras inquietudes en la casa, avivadas con ellas. De las noches de invierno con sus húmedas melancolías (LAFORET,1944, p.82).”

Na citação que destacamos a seguir, Andrea narra a situação climática do tempo na rua Aribau, onde estava localizada a casa de sua avó e onde viveu durante um ano. Neste dia narrado pela protagonista, o céu negro e ameaçador, pronto para a chuva, ocasiona uma intensificação na amargura sofrida pela protagonista.

[...] el cielo, casi negro de azul, se estaba volviendo pesado, amenazador aun, sin una nube. Había algo aterrador en la magnificencia clásica de aquel cielo aplastado sobre la calle silenciosa. Algo que me hacía sentirme pequeña y apretada entre fuerzas cósmicas como el héroe de una tragedia griega [...]  
 [...] Empezó a temblarse el mundo detrás de una bonita niebla gris que el sol irisaba a segundos. Mi cara sedienta recogía con placer aquel llanto. Mis dedos lo secaban con rabia. Estuve mucho rato llorando, allí en la intimidad que me proporcionaba la indiferencia de la calle, y así me pareció que lentamente mi alma quedaba lavada (LAFORET, 1994.p.86)

Na terceira parte da narrativa, que é a última parte da obra, podemos constatar que a chuva não intensifica apenas a melancolia da protagonista Andrea, mas também da mãe de sua melhor amiga, chamada Ena, que muito jovem se apaixonou por Román, tio de Andrea. Anos mais tarde, Ena, se torna amiga de Andrea na intenção de se vingar de Román, o homem responsável pela desilusão amorosa na vida da sua mãe:

—¡Dios mío! Sí que conozco a Román. Le he querido demasiado tiempo, hija mía, para no conocerle. De su magnetismo y de su atractivo, ¿qué me va usted a decir que yo no sepa, que yo no haya sufrido en mí con la fuerza esta, que parece imposible de suavizar y de calmar, que da un primer amor? Sus defectos los conozco tan bien, que ahora, comprimido y amargado por su vida, si es tal como yo la supongo, el solo pensamiento de que mi hija pueda estar atraída por ellos tal como yo misma lo estuve, es para mí un horror inimaginable. Al cabo de los años, no esperaba yo esta trampa de la suerte, tan cruel... ¿Sabe usted lo que es tener dieciséis, diecisiete, dieciocho años y estar obsesionada por sólo la sucesión de gestos, de estados de ánimo, de movimientos, que en conjunto forman ese algo que a veces llega a parecer irreal y que es una persona?... No, ¡qué angustia! ¿Qué puede saber usted



con los ojos tranquilos con que mira? Nada sabe tampoco de ese querer guardar lo que desborda, del imposible pudor de los sentimientos. Llorar en soledad era lo único que a mí, en mi adolescencia, me estaba permitido. Todo lo demás lo hacía y lo sentía rodeada de ojos vigilantes... ¿Ver a un hombre a solas, siquiera fuese de lejos, tal como yo acechaba a Román entonces, siquiera fuese desde una esquina de la calle de Aribau, bajo la lluvia, en la mañana, con los ojos clavados en el portal por donde él debería aparecer con su cartera de estudiante bajo el brazo, golpeando, casi siempre, la espalda del hermano, en un juego de cachorros que se acaban de despertar?(LAFORET, 1944, p. 88).

No capítulo vinte e um, a chuva também desencadeia, novamente, momentos de melancolia em Andrea:

Aquel cielo tormentoso me entraba en los pulmones y me cegaba de tristeza. Desfilaban rápidamente, entre la neblina congojosa que me envolvía, los olores de la calle de Aribau. Olor de perfumería, defarmacia, de tienda de comestibles. Olor de calle sobre la que una polvareda gravita, en el vientre de un cielo sofocantemente oscuro. La plaza de la Universidad se me apareció quieta y enorme como en las pesadillas. Era como si los pocos transeúntes que la cruzaban, como si los autos y los tranvías estuviesen atacados de parálisis [...]. [...] Encontré que no lloraba ya, pero me dolía la garganta y me latían las sienes. Me apoyé contra la verja del jardín de la universidad, como aquel día que recordaba Ena. Un día en que, al parecer, no me daba cuenta de que el agua de los cielos se derramaba sobre mí... (LAFORET, 1944, p.98).

Percebemos, nesta passagem, que a chuva e a escuridão do céu, provocada pela mal tempo levam Andrea a sentir-se triste, provocando, assim, novamente, a melancolia da protagonista.

Destacamos, porém, que há momentos na obra que presença da chuva passa a ser associada a um sentimento totalmente distinto do analisado até então. Há momentos que a chuva está associada a momentos de serenidade e de encorajamento de Andrea. “La tempestad empezó a desatarse cayendo en cataratas, acompañada de un violento tronar. Estuvimos un rato sin hablar, escuchando aquella lluvia que a mí me encalmaba y me reverdecía como a los árboles” (LAFORET, 1944, p.99). Neste trecho da obra, ocorre uma mudança de intensificação de sentimentos em decorrência da chuva, mesmo que de um modo breve na obra. Isso ocorre em virtude de Andrea poder desfrutar de sua liberdade e expor suas ideologias, a partir da partida da sua tia Angustias, que a reprimia.

No final da obra, a chuva volta a intensificar a melancolia da protagonista: “Estaba apoyada contra el muro del jardín de la universidad, muy pequeña y perdida debajo de aquel cielo tempestuoso” (LAFORET, 1944, p.101). Esse sentimento melancólico permanece porque o período de pós-guerra civil trouxe muita tristeza para

os espanhóis e não havia possibilidades de ocorrer uma paz eterna durante aqueles longos anos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Nada*, de Carmen Laforet (1944), traz, desde dos primeiros capítulos, conteúdos que narram a Espanha na fase do pós-guerra civil espanhola. Logo, no capítulo primeiro, narra a vinda da protagonista Andrea, assim que chega a Barcelona, para estudar. Percebemos aí uma narrativa que descreve indivíduos que representam a opressão gerada pela guerra e espaços que representam a destruição gerada por essa guerra. Na intenção de se mudar para uma nova cidade onde pudesse dar continuidade a seus estudos, a protagonista passará a conviver com familiares que estão frustrados e com sua sanidade mental comprometida devido à guerra ter ocorrido tão recentemente, o que acarreta com o passar dos dias, o surgimento de conflitos e a intensificação da melancolia da protagonista.

Destacamos que o ambiente, acompanhado das estações do ano, que tem o inverno e a chuva como predominância, no transcorrer da trama, influencia na intensificação da melancolia sofrida pela protagonista no decorrer do romance. Para abordarmos no nosso trabalho, o clima como fator de desencadeamento e intensificação da melancolia expressa pela protagonista de *Nada* (1944), dividimos nosso trabalho em quatro partes.

Na primeira, descrevemos sobre o período pós-guerra civil espanhola, franquismo, declínio da literatura pós-guerra civil na Espanha e Carmen Laforet e o romance pós - guerra civil espanhola, baseados em Abrão (2010), Souza (2007), Mokec (2005) e Montero (2001). Na segunda parte, apresentamos algumas definições do termo melancolia e complementamos nossa análise sobre o clima como fator de melancolia no romance de Laforet, tomando como base os estudos de Silva (2005) e Bongestab (2011) e para comprovarmos nossa hipótese sobre a chuva como elemento desencadeador da melancolia da protagonista Andrea, mostramos citações da obra em que melancolia e chuva aparecem interligadas.

Utilizamos as teorias demonstradas no item *Clima e melancolia* para indicarmos as citações que envolvem chuva e melancolia, a fim de apresentarmos uma análise coerente sobre a associação entre o clima, mas especificamente a ocorrência das chuvas

na narrativa de *Nada* (1944) e a intensificação da melancolia sofrida pela protagonista do romance. Assim finalizamos nossa análise, destacando que na maioria desses trechos que apontamos no nosso trabalho, nos quais há presença da chuva, a protagonista apresenta características como: tristeza, queixas, obsessões dolorosas diante da passagem do tempo e falta de energia vital, características próprias da melancolia, apontadas por Silva (2005).

### **Resumen**

Este trabajo tiene como objetivo estudiar el período posguerra civil española a través de la narrativa de la novela *Nada* (1944), de la escritora Carmen Lafaret y de la película *Nada* del cineasta Edgar Neville basada en la novela de la escritora. Nuestro reto es verificar de qué manera la lluvia aparece como factor intensificador de la melancolía del personaje principal, Andrea. Por la narración de la vida de la protagonista, Lafaret relata el ambiente tenebroso que el país enfrentaba: la crisis hídrica, la miseria, el hambre, la falta de vivienda y de establecimientos comerciales que marcaron este período. Tenemos como referencial teórico Abrão (2010), Souza (2007), Mokec (2005), Montero (2001), Silva (2005) y Bongestab (2011).

**Palabras clave:** Lluvia; Melancolía; Posguerra civil española .



## REFERÊNCIAS

ABRÃO, Janete (org.). **Espanha: política e Cultura**. Editora PUCRS. Porto Alegre, 2010.

BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. De Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BONGESTAB, Cristina. **Memória e melancolia na obra de Carlos Saura**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

BRAGA, E. F. **Literatura e Ecologia – A pentalogia La Guerra Silenciosa de Manuel Scorza**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

CERQUEIRA, João. Arte e Literatura na Guerra Civil da Espanha. **Revista de Faculdade de Letras**. Vol. V-VI, 1 □ Série. Porto 2006-2007. págs. 135-140. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6623.pdf>> Ac. Acesso em: 3 dez 2016.

DI FEBBO, Giuliana. "Nuevo Estado", nacionalcatolicismo y género. In: CRISTÓBAL, Gloria Niefá (Org). **Mujeres y hombres en la España franquista: sociedad, economía, política, cultura**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2003.

DURER, Albrechet. **Melancholia** (1514). Disponível em: <http://noblat.oglobo.globo.com/arte-hoje/noticia/2012/11/albrecht-durer-melancholia-1-1514-475232.html>. Acesso em: 15 de abril 2017.

FERRETTI, Santa. **La narrativa breve de Carmen Laforet**. Universidad de Barcelona. Barcelona, Septiembre, 2013. Disponível em: <[http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/50458/1/Sandra\\_Ferretti\\_Tesis.pdf](http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/50458/1/Sandra_Ferretti_Tesis.pdf)> Acesso em: 04 nov 2016.

GRANEL, Enéas Andrés. **Mujeres libres: una lectura feminista**. Ed. Instituto de Estudios Turolenses, España, 2007.

HERNÁNDEZ, Carmén López. **Nada o la verdad no sospechada**. Almería, España, 1996. Disponível em: < <http://hispanismo.cervantes.es/documentos/0001/lopezvi.pdf>> Acesso em: 23 mar 2016.

MOKEC, Izabela. **Nada de Carmen Laforet: el proceso de maduración de la protagonista femenina como un ejemplo de emancipación femenina**. Septiembre, 2005. Universidad de Vigo.

MONTERO, Rosa. **Prológo da obra Nada**. Biblioteca El mundo, España, 2001. Disponível em: [http://www.carmenlaforet.com/vista\\_por/17.Rosa%20Montero.%20Nada.pdf](http://www.carmenlaforet.com/vista_por/17.Rosa%20Montero.%20Nada.pdf). Acesso em: 10 dez 2016.

NEVILLE, Edgar. *Nada* (filme). Disponível em: <http://www.descargacineclasico.net/nada-1947-castellano/#>. Acesso em: 12 abril 2017.

SAPAROV, S.Z. **La obra de Carmen Laforet**. Facultad de Filología Romances y Germanos. (Trabajo de Curso) – El Instituto de Idiomas Extranjeros de Samarcanda. Samarcanda, 2014.

SILVA Bongestab, Cristina. **Melancolia e crise do sujeito na Modernidade**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras e Artes, UFRJ, 2005.

SOUZA, Ana Paula de. **A sociedade metonimizada no espaço do romance Nada de Carmen Laforet**. Instituto de Linguagens da UFMT Cuiabá, 2007.